



Foto: Louise Ganz

Diálogos com os vazios da cidade

Ana Cecília Soares

Resenha crítica da exposição *Ambulantes em espaços vagos*, dos artistas Breno Silva e Louise Ganz, cuja proposta é explorar a reconfiguração do espaço urbano, com base na ampliação do convívio com o “outro”, permitido pelos vários usos que se pode fazer dos espaços vazios da cidade. Nessa reflexão, mostra-se que esses lugares não devem ser vistos apenas como áreas desocupadas ou marginais, mas precisam ser compreendidos como espaços capazes de gerar oportunidades e inúmeras possibilidades.

Cidade, vazios urbanos e ocupações artísticas.

Estamos à procura de “espaços” (geográficos, sociais, culturais, imaginários) com potencial de florescer como zonas autônomas dos momentos em que estejam relativamente abertos, seja por negligência do Estado ou pelo fato de terem passado despercebidos pelos cartógrafos, ou por qualquer outra razão.

Hakim Bey¹

¹ Bey, Hakim. *Zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.

Um gorjeio tímido e metálico ecoava desengojadamente pelos arredores do *hall* do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), em Fortaleza. O exasperado “coricó” emergido de um galo branco com olhar assustadoramente amarelado, por alguns segundos, foi abafado pelas buzinas desvairadas dos carros que cortavam vorazmente a Rua Floriano Peixoto, em que se situa o espaço cultural (bem no Centro da “urbe alencarina”).

O conjunto de aves (composto por um casal de galo e galinha e mais três pintinhos), uma piscina de plástico azul, cheia até a borda e com temática de ondinhas, uma rede de vôlei armada com sinalizações que simulam uma quadra de jogos são algumas das “peças” que dão corpo à exposição *Ambulantes em espaços vagos*, dos artistas mineiros Breno Silva e Louise Ganz.

A mostra farta os olhos daqueles que param para observá-la. Seja pela reunião de objetos diversos, e muitas vezes inusitados, distribuídos pela branquidão silenciosa do espaço expositivo ou, ainda, pelas possibilidades de inventar usos ou situações com base nessa série de elementos expostos.

Em mistura efusiva de humor, conscientização política e social, visão urbanística e linguajar publicitário, *Ambulantes em espaços vagos* é trabalho que inquieta o espectador,



Foto: Louise Ganz

principalmente, pelo fato de se opor a tudo aquilo que as pessoas, de maneira geral, compreendem como arte.

Assim, por trás desse estranhamento estético existe uma proposta de reconfiguração do espaço urbano, por meio da ampliação do convívio com o “outro”, resultante dos vários usos que podemos fazer dos pontos ociosos da cidade. Lugares esses, como explica a artista e professora Louise Ganz no livro *Lotes vagos – ocupações experimentais*,² que são campos demarcados para a experiência do abandono, do ócio e da produção. “O lote vago em uma cidade é a potência para o esquecimento, para a vagabundagem, para a não vigilância, para atos não planejados ou pequenos delitos, para o descontrole e para a leveza.”

² Ganz, Louise; Silva, Breno *Lotes vagos – das ocupações experimentais*. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas ICC, 2009, p.7.

Na busca de pensar os espaços vazios e suas formas de preenchimento, a expressão artística se camufla aqui em outras realidades ou linguagens, dentre as quais, por estranho que pareça, destaca-se a do mercado varejista, criando, na falta de expressão mais consistente, uma espécie de “poética artístico-comercial”.

A exposição é composta por diversos *kits*, que propagam maneiras de melhor aproveitar os “occos” da urbe, apresentando, ao mesmo tempo, um fim social e mercadológico. “São incríveis equipamentos para intensificar o seu dia a dia nas cidades. Com eles você potencializa o uso temporário de espaços que não estão sendo aproveitados, como: vagas de carros nas ruas, terrenos baldios, árvores”, (informa um dos cartazes fixados nas paredes do espaço expositivo, que funcionam como um tipo de manual de instrução ou panfleto publicitário para o público).

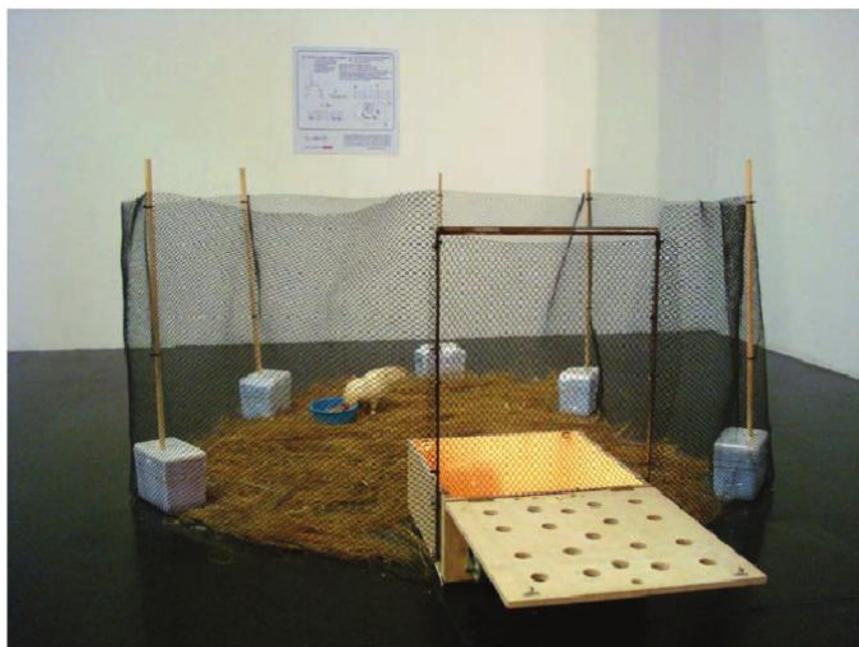


Foto: Louise Ganz

Cada *kit* é possuidor de uma função específica – manicure, ambiente com som, mesas para almoço nas calçadas, granjas ambulantes, pequenos balneários ou quadras para jogos – e se acompanha de explicações do tipo: “transforme sua mochila em uma quadra, um picnic ou tenda ao ar livre” ou “transforme seu carrinho ambulante em um salão de beleza ao ar livre em poucos minutos”.

Além das explicações e da montagem dos *kits*, a mostra traz ao público cerca de 11 fotografias, que exemplificam outros meios para o aproveitamento de locais abandonados e, aparentemente, sem função alguma.

Ilustradas por diversas paisagens, constituídas pela sobreposição de imagens semelhantes às das placas de sinalização de trânsito, essas fotos contêm informações e sugestões hilárias (por que não exóticas?), do tipo: “Casamento – No Brasil o número de casamentos cresce 7% a mais que nos anos 90. O ritual normalmente é realizado em igrejas e salões de festa. Mas muitos são locais caros. Pode-se casar em terrenos baldios, cheios de flores e árvores”.

Além das imagens, é oferecida aos visitantes a exibição de vídeos das ações ocorridas nas cidades de Fortaleza³ (2008) e Belo Horizonte (2005 e 2006), durante a efetivação do trabalho *Lotes Vagos*, intervenção dos artistas Breno Silva e Louise Ganz, que deu origem à exposição *Ambulantes em espaços vagos*.

Enquanto a mostra constitui um recorte e, também, uma adaptação para o cubo branco das atividades que foram realizadas na rua, o projeto da intervenção tinha

³ Em Fortaleza foram negociados com seus proprietários oito lotes para empréstimo. Em seguida, cada um desses espaços passou a ser palco de ações diferentes desenvolvidas por vários artistas locais.

como questão central a ocupação de terrenos baldios nas cidades com o intuito de torná-los públicos temporariamente, permitindo novas percepções e relações com o espaço e com o “outro”.

O centro urbano é preenchido até a saturação; ele apodrece ou explode. Às vezes invertendo seu sentido, ele organiza em torno de si o vazio, a raridade (...) De sorte que todo espaço urbano carrega em si esse possível-impossível, sua própria negação.⁴

4 Lefebvre, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.44.

É comum à morfologia de qualquer cidade a presença de campos abertos e vazios. Segundo Iná Rosa, doutora em arquitetura e urbanismo pela USP, os lotes vagos não devem ser vistos apenas como áreas desocupadas ou marginais, precisam ser compreendidos como espaços capazes de gerar oportunidades e inúmeras possibilidades, como novas centralidades, diversidades nas atividades urbanas e multiplicidade de suas relações. “Embora os vazios sejam potencialmente utilizáveis para ocupação e crescimento urbano, eles também podem ser locais reservados para preservação tanto da paisagem natural (sítio) quanto da paisagem construída (tecido)”.⁵

5 Rosa, Iná. O lugar dos vazios na cidade contemporânea: preservação e formas de ocupação. In Amaral e Silva, Gilcélia do; Oliveira, Lisete Assem de (org.). *Simpósio A Arquitetura da Cidade nas Américas: Diálogos contemporâneos entre o local e o global*. Florianópolis: PGAU-Cidade/UFSC, 2006. CDROM.

Nesse contexto, pode-se dizer que na exposição *Ambulantes em espaços vagos*, os artistas tentam devolver ao uso comum o que antes estava indisponível pela propriedade; mesmo que por curto período de tempo. Eles retiram da propriedade algo que era considerado intocável, “profanando o improfanável”.⁶

6 “Profanando o improfanável” é expressão citada pela crítica de arte Marisa Flório (Ganz e Silva. Op. cit., p.37).

Ao desestabilizar a noção de propriedade privada, a exposição instiga nas pessoas o desejo de realizar experiências diversas e autônomas nos cantos “esquecidos” da cidade, lançando outras maneiras de pensar e agir sobre a malha urbana.

Assim, em cada *kit* exposto está evidenciado o caráter intrinsecamente sociopolítico dessa proposta, da qual brotam infindáveis possibilidades de uso, levando em consideração as características do lote, como sombreamento ou insolação, ventilação, riqueza vegetal, atividades existentes em seu entorno e o interesse dos moradores da região. Não há necessidade de grandes transformações, apenas o suficiente para catalisar um processo de ocupação e de prazer.

Encontramo-nos hoje diante de uma reconfiguração dos sentidos clássicos de público e privado, sobretudo se considerarmos os países ocidentais, e, talvez, estas denominações históricas não consigam abarcar as diversas práticas urbanas contemporâneas. Mesmo nomeado como público, muitas vezes um espaço é usado ou incorporado por alguns de forma privada. As atividades ou usos passam a definir o grau de privacidade ou de público dos espaços.⁷

7 Id., *ibid.*, p.10-15.

Longe de convencionalismos e de meras banalizações, o trabalho desenvolvido por Breno Silva e Louise Ganz vem causando diversas inquietações no público, beirando o riso, a admiração e, mesmo, reações furiosas (das quais presenciei uma). Diante de tão variados sentimentos, chama-se atenção para o fato de que, mais do que nunca, o debate sobre o sentido da arte contemporânea e seus reflexos pelo espaço urbano está aberto. Resaltando que, antes de fazer críticas reativas e pouco cordiais, é bom lembrarmos que é da natureza da arte refletir seu tempo e, se possível, provocar o pensamento crítico e transformações. A expressão artística é algo que ultrapassa as conceituações de gosto e estética. Arte é, pois, o fruto resultante da confluência de metamorfoses sofridas pela própria vida.

Referências bibliográficas

BEY, Hakim. *Zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.

GANZ, Louise; SILVA, Breno. *Banquetes – expansões do doméstico*. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas ICC, 2008.

_____. *Lotes vagos – das ocupações experimentais*. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas ICC, 2009, p.7.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ROSA, Iná. O lugar dos vazios na cidade contemporânea: preservação e formas de ocupação. In AMARAL E SILVA, Gilcélia do; OLIVEIRA, Lisete Assen de (org.). *Simpósio A Arquitetura da Cidade nas Américas: Diálogos contemporâneos entre o local e o global*. Florianópolis: PGAU-Cidade/ UFSC, 2006.

Ana Cecília Soares (Fortaleza, Brasil) é jornalista pela Universidade de Fortaleza (Unifor), especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC), repórter do caderno de cultura do *Diário do Nordeste*, editora do site e revista Reticências... e crítica de arte. / anacicasoares@gmail.com